

Álbum é uma miscelânea bem saborosa

PAULO PESTANA
Especial para o CORREIO

A vocação babélica de Brasília, uma cidade criada no meio de um País de contrastes, é refletida em sua produção cultural e a variedade de gêneros e estilos apresentada em Brasília Ano 30 — Uma Antologia Musical que pode ser, a um só tempo, o melhor e o pior do álbum duplo que está sendo lançado para comemorar três décadas de nascimento da cidade. Pode ser um problema para quem espera por uma obra coesa, mas é um retrato pefeito da confusa e prolífica produção musical da cidade, apesar de tantas mas inevitáveis ausências.

Duas tribos representativas da música da cidade — provavelmente as mais importantes em termos de reconhecimento nacional — ficaram de fora da seleção de 29 canções que compõem o álbum: são os roqueiros e os chorões. Mas os produtores tiveram o cuidado de pesquisar as músicas que homenageiam a cidade que fizeram ou fazem algum sucesso nos bares, além de reunir uma produção que estava escondida sob as asas da cidade.

A miscelânea provocada por uma colcha de retalhos musicais é compensada pela qualidade dos arranjos e do cuidado com a gravação que, muitas vezes, esconde problemas de composições amadorísticas que tiveram espaço preservado ao lado de canções de profissionais. Três obras que homenagearam a cidade em seu nascimento estão no disco: Hino a Brasília, de Neuza França e Geir Campos, com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro (em gravação digital de ótima qualidade técnica), “Brasília Capital da Esperança”, de Simões e Simão Neto, com Gil, Jocaely, Wilzy e Maria, e a “Sinfonia da Alvorada”, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, única faixa que não foi gravada especialmente para o disco, e que tem a voz de Vinícius declamando um poema.

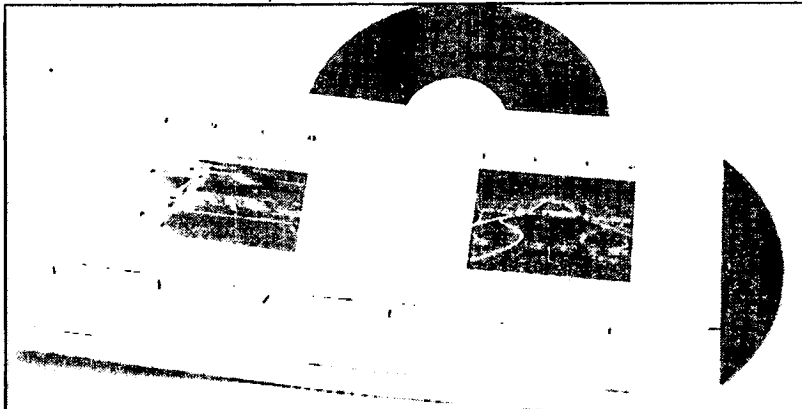
Estas vetustas obras circulam com naturalidade ao lado de “Travessia do Eixão”, do Liga Tripa (“Nossa Senhora do Cerrado/Protetora dos pedestres/Que atravessam o Eixão/ As seis horas da tarde”), e “Um Telefone é Muito Pouco”, de Renato Matos, que ganhou um arranjo novo com um belo trabalho de saxofones. Mas as músicas selecionadas não são apenas de autores da cidade. Também foram selecionadas canções mais conhecidas como a bela “Céu de Brasília”, de Toninho Horta e Fernando Brant, gravada por Cristina Vasconcellos (uma das melhores cantoras “desconhecidas” da cidade), ou a gaiata “Plano Piloto”, de Alceu Valença e Carlos Fernando, que foi gravada aqui pelo ótimo Trio Siridó. Ou ainda

“Flor do Cerrado” de Caetano Veloso, que ganhou de Adriano Faquini a interpretação mais bonita do disco, ajudada pelo arranjo simples e pelo piano de Elenice Maranesi.

Moradores recentes — embora ilustres — da cidade também tiveram espaço para cantar Brasília, como o senador José Fogaça, do PMDB gaúcho, que viu uma nota no jornal sobre a realização do disco e mandou, humildemente, uma fita com a música “Brasileira Demais” gravada por Isabela. Oswaldo Montenegro mandou, do Rio e já gravada “Magia”, na voz de Eduardo Costa, uma espécie de homenagem aos bruxos da cidade com um belo trabalho de violões.

Outro grande momento é a atuação do Invoquei o Vocal na música “Brasília”, de Paul Halls-tein e Ricardo Movitz, que tem um acompanhamento jazzístico, de trio num arranjo bem resolvido que dá liberdade para as vozes do grupo. Um sexto do Invoquei, o cantor Goia, ainda canta a bela “Cidade Nua”, de Rênio Quintas, canção de melodia angulosa.

DIVULGAÇÃO



Reunindo diversos estilos, o álbum apresenta produção de boa qualidade